

## A BENZEDURA E SEUS NARRADORES

**ROCHA, Lóren Nunes da<sup>1</sup>; SCHEER, Micaele Irene<sup>2</sup>; GILL, Lorena Almeida<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - História Licenciatura - Bolsista PIBIC/CNPq- lorenrocha@hotmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - História Licenciatura - Bolsista PIBITI/FAPERGS- scheermica@gmail.com; <sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História, lorenaalmeidagill@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

O século XVIII foi um marco para a sucessão de grandes mudanças, fossem elas econômicas ou sociais, sobretudo a partir da Revolução Francesa, por suas transformações no campo da política e da ideologia; com a Revolução Industrial e, logo após, pela Revolução Científico-Tecnológica e seus consequentes reflexos que ultrapassaram as fronteiras da Europa e chegaram ao “Novo Mundo” ao longo dos séculos XIX e XX. A passagem do século XIX para o XX no Brasil foi propício marcada pela a Abolição da Escravatura, à Proclamação da República e, principalmente, a difusão do trabalho assalariado, próprio do capitalismo moderno, trouxe uma espécie de modernização ao país, a partir do ponto de vista europeu e nos moldes franceses. Enquanto um fenômeno social, as mudanças provocadas pelas iniciativas modernizadoras atingiram toda a população, alterando os ritmos de vida, hábitos cotidianos, tipo de trabalho, com novidades que invadiam suas casas dia a dia.

Com a proliferação da produção em larga escala, o trabalho deixou de ser artesanal e passou a ser manufaturado, ou seja, a especialização nas atividades foi cada vez mais valorizada. Em função disso, uma série de ofícios entrou em vias de desaparecer, como é o caso dos alfaiates, lavadeiras, chapeleiras, arrumadores de guarda-chuva, afiadores (cuteleiros), relojoeiros (relógios de corda), parteiras, engraxates, motorneiros.

Em 2009, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a partir do Núcleo de Documentação Histórica (NDH), foi elaborado um projeto de pesquisa intitulado – “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” – que visa, a partir das narrativas dos trabalhadores, observar o cotidiano de suas vidas durante a segunda metade do século XX no Brasil e, entre outros objetivos, perceber como o processo de industrialização provocou a exclusão desses profissionais do mercado de trabalho. Após encontros iniciais da equipe do projeto, foi elaborada uma lista de ofícios considerados em desaparecimento e, dentre eles, a benzedura apareceu com proeminência. Logo nas primeiras saídas de campo percebeu-se que a benzedura não se caracterizava como um “ofício em vias de desaparecer”, pois esta prática é ainda muito frequente na metade sul do Rio Grande do Sul em cidades médias e pequenas. Mesmo assim, as narrativas chamaram a atenção do grupo e abriu-se outro viés a partir do projeto maior.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia adotada pelo projeto é a História Oral Temática, portanto, são realizadas entrevistas com o foco na trajetória profissional dos narradores. Há um contato inicial com a pessoa que se pretende ouvir para agendar o encontro, momento no qual são explicados os objetivos do trabalho. As entrevistas são

gravadas e, partindo do pressuposto que os gestos e expressões nos permitem perceber com mais clareza o impacto que determinadas situações causaram a esta pessoa, neste procedimento dá-se preferência a filmagens, desde que a pessoa concorde. Logo as entrevistas são transcritas, levadas ao narrador que, após a leitura, assina um termo de cessão permitindo sua utilização para fins acadêmicos, havendo, então, uma análise do material sendo que, posteriormente, este passa a fazer parte do Laboratório de História Oral do NDH da Universidade Federal de Pelotas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa do projeto vinculou-se a um grupo de estudos em que as principais discussões giraram em torno de textos de autores que trabalham com a metodologia da história oral e com o conceito de memória como: Verena Alberti (2004), Alessandro Portelli (1997), Pierre Ansart (2004), Maurice Halbwachs (1990), Jöel Candau (2002). Em uma etapa mais avançada partimos para as entrevistas e a partir destas identificou-se três motivações diferentes para o exercício da benzedura sendo: o dom, a religião e a tradição. Porém, todas elas dependem de um aprendizado que é transmitido através de uma narrativa, ensinamento de algum parente ou outra pessoa experiente. A fala é um dos elementos presentes nos rituais de cura pela benzedura, podendo ser considerada a própria ação assim como destaca Quintana (1999, p. 101): “Dizer **‘Eu te benzo, em nome de’** não está descrevendo uma ação, pois a frase é a própria ação. Talvez, por isso, embora certas partes da bênção sejam ditas em voz baixa, o **‘eu te benzo’** é dito sempre de forma audível”. (grifos nossos). Conforme mencionado, no entanto, a fala é apenas um dos elementos do processo, inclusive o benzedor também é um elemento, um símbolo.

Há uma discussão acerca da classificação da benzedura enquanto um ofício, porém grande parte dos autores defende essa nomenclatura considerando-a como uma “missão divina” ou “dom”, mas que exige um tempo de dedicação daquele que a pratica, impedindo-o de se inserir no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, Elda Rizzo Oliveira (1985) trabalha a benzedura como um dom que impõe à pessoa um ofício. Essa afirmação pode ser ilustrada pela fala de um dos entrevistados, Sr. Dário de Almeida Matos (benzedor por dom), que ao relatar como se deu seu contato com a benzedura descreve um acidente trágico que sofrera, ficando em coma e neste período diz ter falado com Deus que lhe salvou e em troca lhe deu uma missão de curar as pessoas através do ato de benzer.

Conforme se pode notar, o dom vem acompanhado de uma missão transmitida por um ser superior. Neste caso, não se tem um aprendizado que expresse a sabedoria dos mais velhos através das gerações; aqui a possibilidade de cura se dá em outro plano. Investido de uma posição de mediador entre dois campos: “humano e divino”, o benzedor presta serviços à comunidade; logo é reconhecido e adquire um *status* de autoridade representativa. Na figura de um escolhido, recebe a credibilidade dos que o procuram.

Nota-se que estas motivações diferentes para a prática da benzedura como o dom, a tradição e a religião não são absolutamente separadas. Os benzedores, em sua grande maioria, trabalham com a religião e o dom concomitantemente, pois ambas as invocações lidam com forças maiores. A benzedura que caracterizamos por “de religião”, refere-se à umbanda e é aquela que se dá através de práticas

religiosas, onde nem sempre é o “benzedor” quem benze e sim uma entidade. Neste caso, o benzedor também é mediador, assim como aqueles que benzem por dom.

Dona Maria Amaro (benzedeira de religião), por exemplo, tem dois dias na semana que benze incorporada, com duas entidades diferentes e nos demais dias benze de modo tradicional (ela própria). O ritual de benzedura religiosa não difere muito das demais, se não pelo método como é concebida.

No caso da Umbanda, por exemplo, há o fenômeno do “aprontamento” que é quando o “filho de corrente”<sup>1</sup> recebe uma entidade e através desta passa a desenvolver uma série de atividades, entre elas a benzedura. Dessa forma, a cura religiosa é a que mais se afasta da extinção porque todos que se aprontam estão aptos a benzer, mantendo a tradição da benzedura sempre viva enquanto sabedoria popular. Os métodos de prática são os mesmos utilizados pelas demais, incluindo elementos da natureza, palavras e rezas que se repetem três vezes ou múltiplos de três e, inclusive, receitam chás e ervas.

Cada benzedor apresenta uma especialidade e uma característica que o faz ser reconhecido. Seu Dário, por exemplo, é reconhecido em Pelotas e região como Dário das Tunas por ser a Tuna o elemento que utiliza no ritual da benzedura, assim como Dona Maria Amaro usa um elemento bem particular para a cura da bronquite, que é a lesma. Os elementos da natureza são utilizados por todos os benzedores. Maria Cristina Cortez Wissenbach (1998) explica a sua utilização a partir da percepção da mesma enquanto “mágica”.

Há ainda a benzedura pensada como de “tradição”. Seria aquela transmitida de geração em geração, principalmente por laços familiares, expressando a sabedoria e a experiência dos mais velhos. O principal método de aprendizagem consiste na observação do processo ritualístico realizado pelo “mais velho” e na oralidade. Levando em conta que as orações são um elemento chave na benzedura, é necessário aprender as palavras “mágicas”. Dois de nossos entrevistados caracterizam-se como benzedores de tradição, Geovegildo e Vinícius. Ambos aprenderam observando outra pessoa benzer. Vinícius conta que apontava em um papel as palavras que eram utilizadas nos rituais. Sua avó colocava um pano sobre a cabeça da pessoa e derramava água no tecido enquanto proferia algumas palavras. À medida que a água evaporava, segundo ela, a moléstia desaparecia. Já Geovegildo aprendeu com sua mãe, também observando.

Na benzedura de tradição o ato de curar está mais centrado no benzedor, o que exclui o trabalho de entidades e faz com que esta figura seja investida de uma grande autoridade durante o processo. Os elementos presentes nos rituais variam de acordo com as moléstias, sejam elas físicas ou espirituais, mas, na maioria das vezes são usados: ramos verdes, copo com água, brasas, tesoura, linha, agulha, pano (virgem).

#### 4 CONCLUSÃO

Embora se tenha detectado pelo menos três motivações diferentes para a benzedura, fica evidente que em todas essas práticas interagem características em comum. A visão que os entrevistados têm do seu papel social é a de “missão”, ou seja, pretendem ajudar ao próximo na cura, alívio ou eliminação de determinadas moléstias. É comum que os benzedores façam trabalhos filantrópicos como a doação de alimentos, roupas e remédios, já que a caridade e o cuidado viriam em

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para designar os membros da cada de religião, no caso da Umbanda.

primeiro lugar. A fé é um elo entre o benzedor e o paciente, uma vez que todos os entrevistados a mencionam como o principal elemento da cura, assim o ato de benzer não é somente de responsabilidade daquele que está praticando a ação, mas também de quem a procura.

Os rituais assemelham-se. Todos os benzedores proferem palavras/rezas que se repetem sempre três vezes ou em números múltiplos de três. Sobre o misticismo que envolve este número, os entrevistados não sabem responder, afirmando que aprenderam assim, porém, para a numerologia o número três representa o “equilíbrio”, a ordem natural e, ainda para a religião católica vem associado à Santíssima Trindade, conferindo um caráter sagrado ao ato. Todos utilizam elementos da natureza tanto para o processo quanto no tratamento com receitas feitas com ervas, partes de animais, chás naturais, xaropes. Por questões culturais, a mulher está mais vinculada ao ato de “cuidar do outro”, talvez esta seja uma hipótese a explicar porque há mais mulheres do que homens benzendo, porém os mecanismos e os rituais praticados por homens e mulheres são praticamente os mesmos.

Embora a benzedura ainda seja uma prática freqüente em cidades pequenas e médias, uma das motivações que desçamos, a tradição, é a que mais vêm sofrendo com o processo de extinção, uma vez que são poucos aqueles que dizem encontrar pessoas dispostas a aprender o ofício. De toda a forma, como o ato envolve práticas populares há muito vivenciadas pelas comunidades, acredita-se que essas terapêuticas de cura e de cuidado sobreviverão, mesmo que seja através de maneiras novas de se concretizar.

## 5 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: *Ouvir contar. Textos em História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p. 33-43.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004, p. 15-34.

CANDAU, Joël. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é medicina popular*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História nº 15*. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50.

QUINTANA, Alberto M. *A ciência da benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise*. São Paulo: EDUSC, 1999, pp. 101.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: NOVAIS, Fernando (org.). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3 – República, da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 49-131.